

BILINGUISMO E ESCOLARIZAÇÃO BILÍNGUE NO BRASIL

Escolarização bilíngue de línguas de prestígio no Brasil: entendimentos necessários

Luciana de Souza Brentano

Introduzindo o tema e suas interfaces

A educação bilíngue tem se mostrado como uma área de estudo necessária na interlocução entre os campos da Linguística Aplicada, da Psicolinguística e da Educação. Isso porque nos últimos anos testemunhamos um notável progresso no cenário da Educação Bilíngue no Brasil, juntamente com um aumento significativo na compreensão dos impactos que esse novo modelo educacional traz consigo (Brentano, 2023; Brentano; Finger, 2020; Marcelino, 2009; Megale, 2019; UNESCO, 2015). Embora a Educação Bilíngue seja uma fonte de inovação e possibilidades, ela descortina o pouco conhecimento e ínfimo preparo de muitos educadores e gestores escolares para lidar com as demandas que estão atreladas a esse novo modelo.

O crescente aumento de iniciativas educacionais voltadas para o bilinguismo tem introduzido novos arranjos curriculares nas instituições de ensino brasileiras, com o intuito de proporcionar programas de desenvolvimento linguístico mais robustos. Paralelamente, observa-se que, apesar do aumento na disponibilidade dessas iniciativas, há uma escassez de análises teóricas aprofundadas sobre os princípios fundamentais da educação bilíngue e sobre quais modelos bilíngues seriam mais apropriados para adoção nas escolas. Esse cenário tem contribuído para propostas de educação inadequadas, bem como para a adoção de modelos estrangeiros que nem sempre se adequam à realidade linguística e cultural do Brasil. Além disso, são escassos os estudos brasileiros que abordam essa temática, o que resulta em uma falta de compreensão das peculiaridades e demandas inerentes a um modelo educacional em rápida expansão em todo o país.

De fato, os programas internacionais implementados nos Estados Unidos e na Europa diferenciam-se dos programas brasileiros, uma vez que se direcionam a sujeitos bilíngues culturalmente heterogêneos, abrangendo realidades sociais, econômicas e linguísticas diferentes da nossa (Brentano, 2023; García, 2009). Em decorrência dessas variações contextuais, emergem categorias educacionais intrinsecamente distintas. Por exemplo, na literatura internacional, Baker e Wright (2017) categorizam a educação

bilíngue a partir de três tipos, com objetivos bem definidos: a) Educação Bilíngue de transição, cuja proposta educacional foca na instrução na língua dominante da comunidade, oferecendo suporte inicial na língua materna do aluno e diminuindo gradualmente o uso desta língua na instrução, portanto, com o objetivo de eliminar a língua materna do sujeito; b) Educação Bilíngue de manutenção, que busca preservar a língua materna do aluno na escola, porém, muitas vezes, apenas utilizando-a para apoio na compreensão dos temas escolares, ou seja sem desenvolvimento linguístico continuado desta língua; e c) Educação Bilíngue de enriquecimento, que proporciona a aprendizagem de uma segunda língua de prestígio, na escola, para falantes de uma outra língua dominante na comunidade, portanto com objetivo de desenvolvimento em ambas as línguas. Essa última categoria, também conhecida como "Educação Bilíngue de Línguas de Prestígio", é a mais empregada no Brasil, representando um modelo educacional em ascensão no nosso país.

Além das línguas de prestígio, um grande número de línguas indígenas e de imigração circulam no Brasil e têm uma importância enorme para os estudos e discussões linguísticas no nosso país (Brasil, 2010). Entretanto, apesar dos contextos de bilinguismo no Brasil serem diversos, o presente capítulo se propõe a fazer um recorte dessa realidade e tratar apenas da Educação Bilíngue de Línguas de Prestígio, visto ser essa, conforme já mencionado, a modalidade que mais cresce no país atualmente, e, portanto, necessitando discussão aprofundada.

Inicialmente é importante registrar que parece haver um conhecimento geral mais alargado, proveniente do acesso à literatura e da massiva divulgação nas mídias sociais, entendendo que o termo “Educação Bilíngue” envolve muito mais do que horas extras de aprendizado de inglês na escola (Brentano, 2023). Além disso, alguns autores ainda afirmam ser a Educação Bilíngue uma proposta educacional alinhada às competências necessárias para os estudantes do século 21 (García, 2009), uma vez que promove engajamento e participação dos estudantes em um mundo cada vez mais plural e globalizado (García, 2009; Megale; El Kadri, 2023). Somam-se a essas informações, estudos e notícias na mídia que mostram o bilinguismo como um potencializador do desenvolvimento cognitivo e linguístico durante os anos escolares (Antoniou, 2019; Brentano, 2020; Kovelman; Baker; Petitto, 2009; Kroll; Bialystok, 2016; Martin-Rhee; Bialystok, 2008), o que justifica o interesse e a curiosidade das famílias de classe média e alta no Brasil pelo ensino bilíngue.

De fato, a pesquisa contemporânea no campo do bilinguismo e da cognição orienta-se por duas descobertas fundamentais. A primeira, concernente ao processamento linguístico, evidencia que os indivíduos bilíngues ativam informações relativas a ambas as línguas mesmo durante a utilização exclusiva de uma delas (Kroll; Bialystok, 2013; Kroll; Chiarello, 2016; Kroll et al., 2012) A segunda, vinculada ao processamento cognitivo, demonstra que os bilíngues apresentam benefícios no desenvolvimento da cognição, e isso se reflete em desempenho diferenciado em tarefas que demandam a habilidade de ignorar fatores distrativos, manter o foco, adotar perspectivas alternativas e resolver conflitos (Brentano, 2020; Jared; Kroll, 2001; Kroll; Bialystok, 2013). Conseqüentemente, esses benefícios linguísticos e cognitivos, que são atrelados ao bilinguismo, mostraram-se atraentes e motivadores, visto a possibilidade de uma escolarização bilíngue que os promova.

A busca por uma abordagem bilíngue na Educação emergiu como uma tendência proeminente, revelando-se de valor inestimável para famílias que aspiram ver seus filhos dominando mais de uma língua (El Kadri et al., 2022, Marcelino, 2009). Antes do surgimento das escolas bilíngues no Brasil, os pais escolhiam instituições de ensino com base em suas propostas educacionais, enquanto a necessidade de aprender línguas era atendida por institutos especializados. Com o tempo, escolas regulares de Educação Infantil e Ensino Fundamental passaram a incluir o ensino de línguas adicionais em seus currículos para promover o contato precoce com o idioma e melhorar a qualidade do aprendizado, anteriormente considerado ineficiente na promoção da proficiência dos alunos. É nesse momento, conforme Marcelino (2009), que nascem as escolas bilíngues no Brasil, que inicialmente tinham como objetivo integrar duas grandes e necessárias funções na escolarização das crianças: oferecer uma educação de qualidade juntamente com o ensino de línguas adicionais na escola.

Seguramente, os benefícios cognitivos do bilinguismo (Bialystok, 2001, Bialystok et al., 2018, Bialystok, 2022; Kroll; Bialystok, 2013), aliados a outras evidências, tais como o possível contato com diferentes pessoas no mundo, conhecimento e fluência em mais de uma língua, interação em ambientes tecnológicos, desenvolvimento cultural e melhores oportunidades no mercado de trabalho, tornaram o bilinguismo infantil um grande “nicho de negócio no Brasil” (Brentano, 2023, 2020). De fato, o impulsionamento dado pelas mídias sociais à Educação Bilíngue no Brasil fez com que muitas escolas entrassem no ramo do ensino bilíngue sem nenhum conhecimento de causa, ou seja, sem

saber o que de fato torna uma escola bilíngue e como ofertar um currículo que realmente contribua na formação de sujeitos linguística e academicamente competentes. Com isso, vemos o crescimento dos autointitulados “currículos bilíngues”, e “programas bilíngues” que, por vezes, na sua essência, não constituem, de fato, contextos de ensino bilíngue.

Educação Bilíngue X Escolarização Bilíngue

Torna-se pertinente neste momento discutir o significado de Educação Bilíngue visto que o termo é conhecido em todo o mundo, mas empregado de formas distintas para descrever uma gama diversificada de programas educativos que incorporam duas ou mais línguas. Devido a essa diversidade, ela é interpretada de maneiras distintas ao redor do mundo (Baker; Wright, 2017; Brentano, 2023; González, 2008; Hamers; Blanc, 2000), sendo utilizada, inclusive, para descrever contextos familiares de criação bilíngue. Somado a isso, internacionalmente, alguns pesquisadores usam o termo educação bilíngue para descrever também currículos subtrativos, ou seja, currículos que eliminam uma das línguas do repertório bilíngue do sujeito, portanto, programas que, de bilíngue não carregam a essência.

A partir do exposto acima em relação aos diversos entendimentos relacionados ao termo educação bilíngue, sugiro adotarmos o termo **Escolarização Bilíngue** quando falamos de contexto escolar no Brasil. Portanto, entendo a Escolarização Bilíngue como um termo guarda-chuva para as modalidades de ensino que envolvem o uso e a mobilização dos aprendizados escolares por meio das línguas do currículo, tais como currículo bilíngue, currículo internacional bilíngue e programa de carga horária estendida na língua adicional (Brentano, 2023). Esses modelos de escolarização podem ocorrer num arranjo comum e integrado entre as línguas ou num arranjo de interlocução entre os dois currículos, mas envolvem escolarização e, portanto, viabilizam aprendizagem acadêmica e linguística por meio das línguas na escola, para todos os alunos, de forma intracurricular (Brentano, 2023).

Neste escopo da Escolarização Bilíngue não estão inclusos outros formatos que não sejam escolarização em línguas e através das línguas. Portanto, ao utilizar Escolarização Bilíngue como um termo para designar os modelos que fazem articulação entre as línguas e os conteúdos escolares, envolvendo todos os alunos da escola, através de uma proposta que ocorre dentro da grade curricular, saliento que nem todas as

propostas educacionais que vêm sendo ofertadas no Brasil podem ser classificadas a partir dos modelos de Escolarização Bilingue. Dentre esses, reitero que escolas que são (a) monolíngues e oferecem programas extracurriculares de língua inglesa no contraturno escolar ou (b) escolas com ofertas de *high school*, no Ensino Médio, somente para alunos que se matriculam nesse programa, ou até mesmo, (c) escolas que oferecem o ensino tradicional de línguas como componente curricular na escola não são consideradas modelos de escolarização bilingue, pois não atendem aos requisitos e características necessárias para tal, citadas na descrição de escolarização bilingue, acima.

Em relação à escolarização bilingue e ao fato de essa modalidade ter ganhado espaço e notoriedade no cenário escolar brasileiro nos últimos anos, vale ressaltar que, apesar da discussão parecer nova e preliminar, essa não é uma proposta educacional nova no nosso país. Em São Paulo, as escolas privadas já vêm oferecendo currículos bilíngues e internacionais há mais de 30 anos (Marcelino, 2009). Nos outros estados brasileiros, entretanto, o movimento foi mais lento, crescendo apenas nos últimos anos. No Brasil todo, observa-se uma mudança de posicionamento: as escolas privadas de ensino regular estão se tornando bilíngues ou fazendo parceria com editoras que oferecem programas de língua adicional, no intuito de atingirem essas novas necessidades do mercado e desejo dos pais.

Prova disso são os dados coletados através da minha pesquisa (Brentano, 2023) cujo levantamento contabilizou mais de 4000 escolas com currículos bilíngues, internacionais ou programas com carga horária estendida em língua adicional sendo ofertados no Brasil. Estes dados serão melhor explicados a seguir. Além dos dados referentes ao número de escolas privadas, há iniciativas públicas bilíngues que vêm sendo fomentadas no Brasil, tais como a do município do Rio de Janeiro que desde 2013 oferece o aprendizado de uma segunda língua em escolas cariocas; a proposta na cidade de Bombinhas, em Santa Catarina, que vem oferecendo ensino bilingue público português-espanhol desde 2018; a proposta do município de Ibiporã, situado na região metropolitana de Londrina, também conta com uma escola municipal bilingue português-inglês desde 2021; o IEMA Integral Bilingue, que foi a primeira escola em tempo integral bilingue da Rede Pública Estadual do Maranhão oferecendo escolarização bilingue português-inglês para crianças a partir do 1º ano do Ensino Fundamental; e a implantação em 2023 da primeira escola pública bilingue português-inglês para crianças da educação infantil e

ensino fundamental 1 na cidade de Sapiranga no Rio Grande do Sul (Brentano, 2023). Esses são apenas alguns exemplos, pois as iniciativas bilíngues na educação pública e privada estão crescendo rapidamente no país.

O conceito de sujeito bilíngue

Retomando a discussão já levantada, os objetivos da implantação da escolarização bilíngue no Brasil diferem em larga escala das propostas bilíngues e monolíngues internacionais, que, em sua grande maioria, atendem crianças de outras nacionalidades e imigrantes, cujo objetivo é inseri-las em uma língua dominante na sociedade. Portanto, discutir e entender a escolarização bilíngue no nosso país se torna uma necessidade, visto que os modelos brasileiros não somente atendem sujeitos bilíngues diferentes, mas tratam de realidades sociais e linguísticas diversas, assim como apresentam objetivos educacionais distintos dos objetivos de outros países. E por entender que diferentes realidades produzem sujeitos bilíngues com competências linguísticas e cognitivas diferenciadas, é importante definir, aqui, o conceito de sujeito bilíngue. Inicialmente, é importante lembrar que o termo ‘bilinguismo’ e o termo ‘escolarização bilíngue’ diferem, uma vez que o primeiro termo trata da condição do sujeito e o segundo trata de um formato de escolarização através das línguas na escola (Brentano, 2011, 2020, 2023). Porém, cabe definir o conceito de sujeito bilíngue a partir da perspectiva teórica da Psicolinguística do Bilinguismo (Finger, 2015; Grosjean; Li, 2013).

Hoje, sabemos que o bilíngue aprende e usa suas línguas com diferentes intenções, em diversas etapas da vida e para se comunicar com interlocutores variados, porque aspectos da vida e contextos diferem e exigem o uso de diferentes línguas na comunicação diária (Brentano, 2020, 2023; Grosjean; Li, 2013, Zimmer; Finger; Scherer, 2008). Alguns autores concordam que o bilinguismo pode ser descrito a partir de um contínuo com domínio e desenvolvimento variado ao longo da história pessoal de cada um (Baker; Wright, 2017; García, 2009; Grosjean, 1994; Valdés, 2003;) e, exatamente por isso, o bilinguismo deixa de ser visto como um fenômeno de linguagem para ser entendido como uma habilidade a ser desenvolvida e que tem relação direta ao seu uso. Ou seja, quanto mais o sujeito bilíngue usa suas línguas, mais ele se torna bilíngue. Além disso, hoje os estudos mostram que os bilíngues ativam suas línguas em paralelo, ainda que estejam num contexto de uso de uma delas apenas, porque não é possível “desligar” as línguas no

cérebro quando o bilíngue se comunica ou pensa a partir do seu repertório (Alves; Finger, 2023; Kroll *et al.*, 2012).

Difícilmente bilíngues são iguais em suas habilidades ou uso das línguas. Portanto, o equilíbrio diz respeito à proximidade de habilidades. Conforme o conceito de contínuo proposto por vários autores da área do bilinguismo (Grosjean, 1994; Valdés, 2003; García, 2009), podemos afirmar que, embora alguns bilíngues possam ter um certo equilíbrio de habilidades entre suas línguas, geralmente uma das línguas tende a ser dominante. Essa dominância pode variar ao longo do tempo, pois as pessoas utilizam suas línguas em diferentes contextos, frequências e intensidades ao longo da vida. Portanto, torna-se impossível mensurar com precisão em que etapa do contínuo cada indivíduo se encontra. Inclusive, em relação ao bilinguismo equilibrado, há um conceito na literatura da área da cognição denominado **dominância reversa**, que mostra que bilíngues equilibrados são capazes de mostrar um efeito de troca de língua dominante, uma vez que o controle cognitivo permite a eles tornar ambas as línguas igualmente acessíveis (Declerck, 2020; Declerck *et al.*, 2020; Kleinman; Gollan, 2018).

De fato, os estudos mostram que o conhecimento linguístico dos bilíngues manifesta-se como um fenômeno compartilhado entre duas ou mais línguas, abrangendo aquelas que um indivíduo já domina ou está em processo de aquisição. Esse conceito refuta a noção simplista de transferência linguística, que conceberia o conhecimento como um "copo de água" retido na língua materna, transferido para a língua adicional (LA). Em vez disso, é mais apropriado conceber o conhecimento linguístico na língua materna como um conjunto de recursos acessíveis durante a aprendizagem de uma LA, dada a compartilhada representação neuronal entre ambas (Alves; Finger, 2023; Finger; Brentano; Arêas da Luz Fontes, 2018).

Sendo assim, entender o sujeito bilíngue e suas especificidades cognitivas é algo complexo. Além disso, o aparato cognitivo formado a partir da exposição às duas línguas exige *input* linguístico qualificado (Marcelino, 2019, Kroll & Bialystok, 2013). Isso porque para que o bilinguismo seja desenvolvido de forma aprofundada e esses benefícios e diferenciais cognitivos apresentados na literatura sejam evidenciados, é necessário que haja uma exposição constante e bem planejada das línguas do repertório do sujeito que se torna bilíngue a partir da exposição escolar (Brentano, 2020, 2023). Nesse contexto, implantar currículos qualificados que promovem o desenvolvimento linguístico e

cognitivo dos alunos bilíngues envolve muito mais do que apenas expor as crianças a duas línguas (Brentano, 2023; Marcelino, 2019).

Panorama e entendimento sobre os modelos de escolarização bilíngue no Brasil

Dessa forma, além da necessidade de se compreender melhor os formatos de escolarização bilíngue que existem no Brasil e os possíveis sujeitos bilíngues provenientes desses contextos, existe a urgência de discutir a validade e entendimento desses modelos, uma vez que, se por um lado cresce a procura pelo ensino bilíngue, pelo outro, ainda falta muito conhecimento sobre o que é escolarização bilíngue e como se constitui um currículo bilíngue de prestígio que possa vir a proporcionar, de fato, benefícios cognitivos e linguísticos aos alunos (Brentano, 2020, 2023). Sabemos que algumas escolas apenas introduziram ou aumentaram a carga horária de inglês, muitas vezes no contraturno escolar, desvinculando essas aulas do currículo regular da escola. Essas propostas, quando organizadas fora da grade curricular, com carga horária entre 2 ou 4 períodos semanais e sem um trabalho colaborativo entre os professores, para o desenvolvimento de projetos bilíngues, apresentam-se frágeis em relação aos pressupostos necessários para a constituição de um currículo bilíngue bem estruturado. Portanto, os currículos bilíngues bem organizados levam em consideração o trabalho colaborativo para o desenvolvimento de projetos bilíngues e um número consistente de horas na língua adicional (mais de 6 períodos semanais), visando, assim, ao desenvolvimento integral do estudante, na língua e através da língua (Brentano, 2020, 2023).

Além disso, compactuo com a visão de Baker e Prys Jones (1998), que estabelecem que há uma demarcação clara na escolarização bilíngue: ela começa quando as línguas são utilizadas para ensinar conteúdo a partir dos componentes curriculares na escola, tais como Matemática, Ciências e Humanidades, ou seja, as línguas sendo usadas como meio de instrução. Dessa forma, não basta a escola proporcionar oportunidades de ensino da língua adicional somente pelo uso da língua no componente curricular, e querer se intitular currículo bilíngue. Muito menos pode-se oferecer um currículo com carga horária pequena na língua adicional (como por exemplo, duas ou três horas semanais), pois isso inviabiliza o trabalho consistente de desenvolvimento acadêmico e linguístico através das línguas, que precisa acontecer em contextos de escolarização bilíngue.

O meu primeiro ensaio sobre a categorização dos diferentes modelos de escolarização bilíngue brasileiros aconteceu em 2019. Eu, enquanto professora da pós-graduação Lato Sensu em Educação Bilíngue e Cognição da Faculdade IENH, em Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, juntamente com meus alunos pós-graduandos, fizemos um levantamento informal com base em dados obtidos de forma on-line (Brentano, 2023). Com base nesse levantamento, contendo 50 escolas tabuladas, chegamos a algumas constatações sobre os três principais modelos de escolarização bilíngue oferecidos no Brasil na época: (1) **Currículos Internacionais Bilíngues**, que se organizam a partir de um currículo internacional em consonância com a Base Nacional Comum Curricular brasileira (BNCC), com carga horária robusta na língua adicional; (2) **Currículos Bilíngues**, cuja organização da proposta curricular acontece em ambas as línguas e uma parte dos conteúdos é ministrada na primeira língua (L1) e a outra parte na língua adicional (LA), também seguindo a BNCC; e (3) **Programas Bilíngues**, em sua maioria oferecidos por franquias e editoras, cuja ideia é ofertar um currículo “de” inglês e alguns deles com propostas de articulação “em” inglês, no contraturno escolar, ou, ainda, no turno de aula dos alunos, num formato de dois currículos distintos, pois não foram pensados dentro de um mesmo projeto pedagógico.

Sobre a investigação citada acima, é importante salientar que esse foi um primeiro levantamento sobre modelos e que não teve a intenção de abranger todas as possíveis variações, detalhes ou perspectivas que existiam na época, sobre a Escolarização Bilíngue. Apesar de muitos dos alunos envolvidos no levantamento realizado atuarem em diferentes formatos de Escolarização Bilíngue, o levantamento foi apenas a título de conhecimento sobre os diversos formatos existentes, que apresentavam como foco a formação de sujeitos bilíngues. Ficaram muitas dúvidas e questionamentos desde lá: será que entre os três formatos há diferença em termos de carga horária e metodologia nas ofertas? Qual formato se mostra mais consistente? Qual deles é o que mais cresce no nosso país? Será que todos os currículos que se dizem bilíngues seguem critérios claros para tal? E quais seriam esses critérios? Como na época não havia uma lei nacional que regulamentasse a educação bilíngue no Brasil, foi muito difícil estabelecer ou supor esses critérios, o que tornou mais complexo entender e agrupar os diversos modelos oferecidos no Brasil. Ou seja, a carência de levantamento de dados e de estudos brasileiros sobre Escolarização Bilíngue inviabilizou o acesso a informações embasadas e números reais para entendermos a realidade da escolarização bilíngue na época.

Em 2020, foram estabelecidas pelo MEC as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Plurilíngue, e desde lá, elas desempenham um papel importante no estabelecimento de critérios para a Escolarização Bilíngue no Brasil, ainda que o documento não tenha sido homologado até o momento da publicação deste capítulo. Os critérios estabelecidos para a oferta de escola bilíngue ou escola brasileira com currículo internacional contidos no material estão sendo seguidos por algumas escolas, que estão tentando se adequar à normativa, embora nem todos os estabelecimentos escolares conheçam o documento ou sigam suas propostas. Isso resulta na manifestação de instituições de ensino que, em determinadas circunstâncias, carecem de competência acadêmica e adotam autonomamente seus próprios parâmetros normativos.

Conforme mencionado anteriormente, em 2023, a partir de uma coleta exaustiva, conduzi uma nova investigação interessada em contribuir com a comunidade nacional, auxiliando para o avanço das pesquisas concernentes à temática da Escolarização Bilíngue. A pesquisa tratou de mapear os modelos de escolarização bilíngue oferecidos no Brasil, analisando-os e discutindo-os sob a perspectiva da psicolinguística do bilinguismo. Para isso, foram aplicados três questionários para três públicos distintos: 82 diretores acadêmicos e coordenadores pedagógicos de escolas, 11 coordenadores de redes de ensino bilíngue ou internacional e 28 consultores acadêmicos de editoras. Com base nas análises das respostas obtidas através dos três questionários aplicados, foram identificados os seguintes modelos de Escolarização Bilíngue e as quantidades, oferecidas no Brasil:

PANORAMA DA FORMAÇÃO DE BILÍNGUES NO BRASIL

Quadro 1. Elaborado pela autora

TIPOS DE PROPOSTA DE ESCOLARIZAÇÃO	AMOSTRA 1 COORDENADORES DE ESCOLA (82)	AMOSTRA 2 COORDENADORES DE FRANQUIA (11)	AMOSTRA 3 CONSULTORES DE EDITORAS (28)
A) Currículo bilíngue	37	18	231
B) Currículo Internacional Bilíngue	5	291	-----
C) Currículo com carga-horária estendida na LA	32	86	3662
D) Proposta extracurricular	8	18	463
Total	82	423	4356

O que os dados da pesquisa, apresentados de forma resumida no quadro acima, mostram é que temos quatro principais tipos de programa ofertados no Brasil, interessados na formação de sujeitos bilíngues: (a) Currículo Bilíngue; (b) Currículo Internacional Bilíngue; (c) Currículo com Carga Horária Estendida na Língua Adicional; e (d) Proposta Extracurricular. Todos eles se propõem a desenvolver o bilinguismo dos alunos, entretanto, nem todos podem ser considerados Escolarização Bilíngue. O quarto modelo apresentado, ou seja, a Proposta Extracurricular, apesar de ter participado da coleta como um modelo que acontece de forma considerável no nosso país (mais de 463 escolas ofertando), não pode ser considerado dentro do escopo da Escolarização Bilíngue de línguas de prestígio no Brasil, por todas as problematizações já elencadas ao longo desse capítulo.

Apresento agora os tipos de proposta elencados na tabela acima e suas definições. É chamada de (a) **Currículo Bilíngue** a modalidade de ensino que trabalha na concepção de um currículo único, integrado, que promove o desenvolvimento acadêmico e linguístico dos alunos, também por meio de componentes curriculares que são ministrados em, no mínimo, duas línguas de instrução (Baker; Wright, 2017, Brentano, 2022, 2023; García, 2009, May, 2017). As escolas bilíngues são geralmente as instituições que adotam o modelo de currículo bilíngue.

O (b) **Currículo Internacional Bilingue** segue os mesmos preceitos do currículo bilíngue, ofertando um currículo único, integrado, que promove o desenvolvimento acadêmico e linguístico dos alunos, por meio de componentes curriculares que são ministrados em, no mínimo, duas línguas de instrução. Porém, se caracterizam pelo estabelecimento de parcerias, adoção de materiais e propostas curriculares de outro país, o que as torna bilíngue e internacional (Baker; Wright, 2017, Brasil, 2020; Brentano, 2022, 2023; García, 2009; May, 2017). Preferencialmente, os currículos internacionais são adotados por escolas internacionais ou bilíngues, privadas.

O (c) **Currículo com Carga Horária Estendida em Língua Adicional**, também conhecido como “programa bilíngue dentro da grade curricular” começou a ser chamado de carga horária estendida a partir da elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Plurilíngue (Brasil, 2020). Este modelo de escolarização promove um currículo escolar em língua inglesa em articulação com o aprendizado de competências e habilidades linguísticas em língua portuguesa, estabelecido muitas vezes na parceria com empresas, mas sem a obrigatoriedade de que o desenvolvimento linguístico ocorra de forma integrada ou simultaneamente ao desenvolvimento dos conteúdos escolares (Brasil, 2020; Brentano, 2023). Como exemplo podemos listar as escolas regulares que compram um programa, de uma editora ou instituição, com foco no ensino bilíngue.

Em relação ao quarto modelo do gráfico (d) **Proposta Extracurricular**, conforme mencionado anteriormente, foi tabulado na pesquisa por ser um modelo expressivo no nosso país, mas não será considerado dentro dos modelos de escolarização bilíngue uma vez que sua oferta, no contraturno escolar, apenas para alguns alunos, parece pouco alinhada com uma educação linguística e acadêmica que promova as línguas dentro do currículo da escola, mesmo que a proposta se disponha a fazer a interlocução da língua ofertada com os projetos da escola. Nessa perspectiva, podemos inferir que a Proposta Extracurricular, ainda que construída a partir de um desejo da escola de promover o desenvolvimento pleno das habilidades linguísticas dos alunos, envolve uma parcela muito pequena da população escolar (somente quem paga separado por este serviço), tornando essa modalidade descontextualizada e distante dos modelos de Escolarização Bilíngue brasileiros. Baseado no exposto, justifico o porquê deste modelo não ser considerado como formato de Escolarização Bilíngue no Brasil.

Em relação aos números coletados na pesquisa, na amostra 1, com os 82 **diretores acadêmicos e coordenadores pedagógicos** de escolas, tabulou-se 37 escolas oferecendo currículo bilíngue, 5 escolas oferecendo currículo internacional bilíngue, 32 escolas com oferta de currículo com carga horária estendida na LA e ainda 8 escolas oferecendo proposta extracurricular; entre os 11 entrevistados provenientes da amostra 2 de **redes de ensino bilíngue ou internacional** identificou-se 18 escolas ofertando currículo bilíngue, 291 escolas com currículo internacional, 86 escolas com oferta de currículo com carga horária estendida na LA, e 18 escolas com oferta de proposta extracurricular. Em relação a amostra 3, composta por 28 **consultores acadêmicos de editoras**, o levantamento foi ainda mais significativo: os dados mostraram que estas 28 editoras oferecem, em parceria com escolas, 231 ofertas de currículo bilíngue, 3662 propostas de currículo com carga horária estendida na LA, 463 propostas extracurriculares e nenhuma proposta de currículo internacional bilíngue, visto a natureza dos programas oferecidos por estas editoras e empresas, em parceria com as escolas (Brentano, 2023).

Em resumo, os dados do estudo (Brentano, 2023) mostram o crescimento da escolarização bilíngue no Brasil, bem como comprovam a diversidade de modelos que se propõe a formar sujeitos bilíngues no nosso país. Diante desse contexto, dos modelos analisados e dos dados de pesquisa apresentados, reitero a necessidade de um entendimento mais detalhado dos fundamentos da Escolarização Bilíngue, tanto por parte das instituições educacionais quanto dos educadores, administradores e a sociedade em geral. Somente com essa compreensão aprofundada será possível formular e oferecer propostas bilíngues de excelência no cenário brasileiro, permitindo desfrutar de benefícios linguísticos e acadêmicos substanciais decorrentes de uma escolarização cuidadosamente planejada e rigorosamente implementada (Brentano, 2023).

Temas de pesquisas futuras em Escolarização Bilíngue no contexto brasileiro

O presente capítulo buscou trazer uma contribuição importante aos estudos e à composição do referencial teórico daqueles que pesquisam na área da escolarização bilíngue no Brasil. Como pode ser visto, a temática é bastante discutida internacionalmente e se mostra um tópico de pesquisas bastante atual e necessário no contexto brasileiro.

Precisamos de mais pesquisas que discutam e analisem os modelos aplicados no contexto brasileiro, em especial, problematizando as decisões pedagógicas que as escolas tomam, tais como carga horária em cada língua, componentes curriculares, docência única ou compartilhada, enfim, analisando os impactos que estas decisões têm no desenvolvimento bilíngue das crianças.

Além disso, precisamos de novas pesquisas sobre o cenário brasileiro, com número robusto de escolas na amostra, para termos quantidades sempre atualizadas da escolarização bilíngue no nosso país. Para estudos futuros, sugere-se discutir sobre a alfabetização bilíngue, metodologias para ensino bilíngue e resultados a longo prazo da escolarização em duas línguas, para que possamos entender melhor sobre a influência deste ensino na competência bilíngue dos brasileiros.

Reconhece-se que a presente análise também não abordou de forma específica as disparidades regionais no Brasil, como as diferenças entre as regiões Norte e Sul, tampouco o impacto do acesso socioeconômico na participação em distintos modelos de programas bilíngues. Assim, sugere-se que futuras pesquisas se debruce sobre essas dimensões, explorando como fatores regionais e socioeconômicos podem influenciar as oportunidades educacionais e os resultados de aprendizagem em contextos bilíngues, contribuindo para um panorama mais abrangente e sensível às desigualdades que marcam o campo educacional brasileiro.

Esperamos que este capítulo tenha despertado o interesse de futuros pesquisadores para um tema não apenas relevante no cenário brasileiro, mas em plena expansão. É urgente que futuras pesquisas continuem a investigar e acompanhar o crescimento e a evolução desse campo educacional, buscando compreender os fatores que impulsionam o aumento da oferta de Escolarização Bilíngue e seus impactos na formação educacional dos alunos a curto, médio e longo prazo. Somente através do estudo e da pesquisa poderemos obter uma visão mais abrangente e aprofundada das tendências e desafios da escolarização bilíngue no Brasil, atuando de forma conjunta para que nosso país seja modelo de ensino bilíngue de qualidade, responsável por formar uma nação, de fato, multilíngue, e capacitada a atuar de forma positiva e qualificada no mundo.

Sugestões de leituras

Conforme já mencionado, a escolarização bilíngue no Brasil é um campo em desenvolvimento e com muitos desafios, dada a escassez de artigos e livros específicos sobre o contexto brasileiro. Além disso, os materiais internacionais frequentemente discutem modelos de educação bilíngue que nem sempre são compatíveis com a realidade brasileira. Contudo, para aqueles que desejam se aprofundar nas temáticas do ensino bilíngue, as obras citadas abaixo são essenciais e oferecem uma base sólida de conhecimento.

BAKER, C.; WRIGHT, C. *Foundations of Bilingual Education and Bilingualism*. 4. ed. Multilingual Matters, 2017. Considerada uma obra fundamental no estudo do bilinguismo e da educação bilíngue. Esta obra detalha aspectos sobre o sujeito bilíngue, o bilinguismo e os contextos internacionais de educação bilíngue, sendo indispensável para qualquer pesquisador interessado nesta área.

BRENTANO; L. S; JAEGER, A. *Educação Bilíngue? O que diferencia do ensino de línguas tradicionais na escola?* In: SOUZA NETO, M. J. *Educação Bilíngue no contexto brasileiro: perguntas e respostas*. Vol 1. Línguas de prestígio. Campinas: Pontes Editores, 2023. Explora de forma clara e objetiva as particularidades do ensino bilíngue no Brasil, diferenciando-o de outros contextos educacionais.

GARCÍA, O. *Bilingual education in the XXI century: a global perspective*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009. Esta obra apresenta um histórico do tema Educação Bilíngue, comparando diferentes tipos de ensino bilíngue, metodologias e arranjos pedagógicos, além de abordar questões ideológicas que influenciam o debate e as escolhas na educação bilíngue. É uma leitura imprescindível para quem trabalha e pesquisa nesta área.

MEGALE, A. H. (org.). *Desafios e Práticas na Educação Bilíngue*. v. 2. São Paulo, SP: Fundação Santillana, 2020. 136 p. Publicado pela Fundação Santillana, é um recurso teórico que dialoga diretamente com a prática de sala de aula bilíngue. Disponível gratuitamente no site da Santillana, esses livros facilitam o acesso ao conhecimento para alunos de graduação e pesquisadores.

BIALYSTOK, E. *Educating bilingual children*. In: BIALYSTOK, E. *Bilingual children: families, education, and development*. New York: TBR Books, 2022. 169 p. Bialystok, uma das maiores autoridades em bilinguismo e cognição, explora as

experiências e habilidades adquiridas através das línguas e como estas impactam nossas vidas. Este livro examina o impacto do multilinguismo nas crianças, sendo uma leitura importante para entender como essas questões influenciam o desenvolvimento infantil.

Referências Bibliográficas

ALVES; U. FINGER, I. *Alfabetização em contextos monolíngue e bilíngue*. 1a ed. Editora Fontes, 2023

ANTONIOU, M. The advantages of bilingualism debate. *Annual Review of Linguistics*, v. 5, p. 395-415, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1146/annurev-linguistics-011718-011820>.

BAKER, C.; PRYS JONES, S. *Encyclopedia of Bilingualism and Bilingual Education*. UK: Multilingual Matters, 1998.

BAKER, C.; WRIGHT, C. *Foundations of Bilingual Education and Bilingualism*. 4. ed. Multilingual Matters, 2017.

BIALYSTOK, E. et al. Aging in two languages: implications for public health. *Ageing Research Reviews*, v. 27, p. 56–60, 2016.

BIALYSTOK, E. *Bilingualism in Development: language, literacy, and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2001.

BIALYSTOK, E.; CHUNG-FAT YIM, A.; HIMEL, C. The impact of bilingualism on executive function in adolescents. *International Journal of Bilingualism*, v. 23, n. 6, p. 1278-1290, 2018.

BIALYSTOK, E. Educating bilingual children. In: BIALYSTOK, E. *Bilingual children: families, education, and development*. New York: TBR Books, 2022. 169 p.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Resumo Técnico: Censo Escolar da Educação Básica 2010*.

BRASIL. Parecer CNE/CEB nº 2/2020 - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Oferta de Educação Plurilíngue. Brasília: MEC, 2020.

BRENTANO, L. S. A experiência bilíngue e a cognição: implicações na sala de aula. In: MEGALE, A. (org.) *Desafios e práticas na Educação Bilíngue*. São Paulo, SP: Fundação Santillana, 2020. p. 123-136.

BRENTANO, L. S. Bilinguismo escolar: uma investigação sobre controle inibitório. Dissertação de mestrado. 2011. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS, Porto Alegre.

BRENTANO, L.S. Criação de um framework de modelos de escolarização bilíngue para o contexto brasileiro, com base em evidências e à luz da psicolinguística do bilinguismo. 2023. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

BRENTANO, L. O que é Educação Bilíngue? In: OTHERO, G. de A; FLORES, V. do N. (orgs.) *O que sabemos sobre a linguagem: 51 perguntas e respostas sobre a linguagem humana*. Parábola, 2022.

BRENTANO, L.; FINGER, I. Biteracia e educação bilíngue: contribuições das Neurociências e da Psicolinguística para a compreensão do desenvolvimento da leitura e escrita em crianças bilíngues. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 13, n. 4, p. 1-12, 2020.

BRENTANO; L. S; JAEGER, A. Educação Bilíngue? O que diferencia do ensino de línguas tradicionais na escola? In: SOUZA NETO, M. J. *Educação Bilíngue no contexto brasileiro: perguntas e respostas*. Vol 1. Línguas de prestígio. Campinas: Pontes Editores, 2023.

COSTA, A. *The bilingual brain and what it tells us about the science of language*. London: Penguin books, 2021. 158 p.

DECLERCK, M.; KLEINMAN, D.; GOLLAN, T.M. Which bilinguals reverse language dominance and why? *Cognition*, v. 204, p. 1-9, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.cognition.2020.104384>

DECLERCK, M. What about proactive language control? *Psychonomic Bulletin & Review*, v. 27, p. 149-154, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3758/s13423-019-01654-1>

KLEINMAN, D.; GOLLAN, T. H. Inhibition accumulates over time at multiple processing levels in bilingual language control. *Cognition*, v. 173, p. 115-132, 2018. <https://doi.org/10.1016/j.cognition.2018.01.009>

EL KADRI, M. S.; SAVIOLLI, V. B.; MOLINARI, A. C. (org.). *Educação de professores para o contexto bi/multilíngue: perspectivas e prática*. Prefácio de Maria Dantas-Whitney. Campinas: Pontes Editores, 2022.

FINGER, I. Psicolinguística do Bilinguismo. In: *Caminhos das letras : uma experiência de integração / Lúcia Sá Rebello, Valdir do Nascimento Flores* (organizadores). – Porto Alegre : Ed.Instituto de Letras/UFRGS,2015.

FINGER, I.; BRENTANO, L.S.; DA LUZ FONTES, A. B. A. Neurociências, Psicolinguística e aprendizagem de línguas adicionais: um diálogo necessário no contexto da Educação do século 21. In: MAIA, M. *Psicolinguística e Educação*. Campinas: Mercado de Letras, 2018.

GARCÍA, O. *Bilingual education in the XXI century: a global perspective*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

GONZÁLEZ, J. M. *Encyclopedia of Bilingual Education*. v. 1 and 2. California: Sage Publication, 2008.

GROSJEAN, F. Individual Bilingualism. In: *The encyclopedia of language and linguistics*. Oxford: Pergamon Press, 1994. p. 1656-1660.

GROSJEAN, F. *Bilingual: life and reality*. Reprint ed. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2012.

GROSJEAN, F.; LI, P. *The Psycholinguistics of Bilingualism*. Malden, Oxford: Wiley-Blackwell, 2013. 248 p.

HAMERS, J.; BLANC, M. H. A. *Bilinguality and bilingualism*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

JARED, D.; KROLL, J. F. Do Bilinguals Activate Phonological Representations in One or Both of Their Languages When Naming Words? *Journal of Memory and*

Language, v. 44, n. 1, 2001, p. 2-31. Disponível em: <https://doi.org/10.1006/jmla.2000.2747>

KLEINMAN, D.; GOLLAN, T. H. Inhibition accumulates over time at multiple processing levels in bilingual language control. *Cognition*, v. 173, p. 115–132, 2018. <https://doi.org/10.1016/j.cognition.2018.01.009>

KOVELMAN, I.; BAKER, S. A.; PETITTO, L. A. Bilingual and monolingual brains compared: a functional magnetic resonance imaging investigation of syntactic processing and a possible "neural signature" of bilingualism. *Journal of Cognitive Neuroscience*, v. 20, n. , p. 153-169, 2009.

KROLL, J. F.; BIALYSTOK, E. Understanding the Consequences of Bilingualism for Language Processing and Cognition. *Journal of Cognitive Psychology (Hove)*, v. 25, n. 5, 2013.

KROLL, J. F.; CHIARELLO, C. Language experience and the brain: Variability, neuroplasticity, and bilingualism. *Language, Cognition, and Neuroscience*, v. 31, n. 3, p. 345-348, 2016.

KROLL, J. F. et al. Juggling Two Languages in One Mind: what bilinguals tell us about language processing and its consequences for cognition. In: ROSS, B. H. *Psychology of Learning and Motivation*. Academic Press, volume 56, 2012. p. 229-262.

MARCELINO, M. Bilinguismo no Brasil: significado e expectativas. *Revista Intercâmbio*, v. 19, p. 1-22, 2009.

MARCELLINO, M.; WEISSHEIMER, J. O que todo professor deveria saber sobre aprendizagem e desenvolvimento linguístico de crianças bilíngues. In: EL MADRI, M. S.; SAVIOLLI, V. B.; MOLINARI, A. C. *Educação de professores para o contexto bi/multilíngue: perspectivas e prática*. Campinas: Pontes Editores, 2022.

MARTIN-RHEE, M. M.; BIALYSTOK, E. The development of two types of inhibitory control in monolingual and bilingual children. *Bilingualism: Language and Cognition*, v. 11, n. 1, p. 81-93, 2008.

MAY, S. Bilingual Education: what the research tells us. In: JIMÉNEZ, R. M.; DE L'ON, L. M. (eds.) *English Learners: Academic Literacy and Thinking*. Cham: Springer, 2017. p. 67-84.

MEGALE, A. H. (org.). *Desafios e Práticas na Educação Bilingue*. v. 2. São Paulo, SP: Fundação Santillana, 2020. 136 p.

MEGALE, A. (org.). *Educação Bilingue no Brasil*. São Paulo: Fundação Santillana, 2019. 135 p.

MEGALE, A. H; EL KADRI, M. *Escola bilíngue: (trans)formando saberes na educação de professores*. São Paulo: Fundação Santillana, 2023.

UNESCO. *Educação para a cidadania global: preparando alunos para os desafios do século XXI*. Brasília: UNESCO, 2015.

VALDÉS, G. Between support and marginalization: The development of academic language in linguistic minority children. *Bilingual Education and Bilingualism*, v. 7, p. 102-132, 2003.

ZIMMER, M.; FINGER, I.; SCHERER, L. Do bilinguismo ao multilinguismo: intersecções entre a psicolinguística e a neurolinguística. *ReVEL*, v. 6, n. 11, ago. 2008.